

***Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios,***  
**de Júlio César Araújo (Org.)**

Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

**Murilo Jardelino da Costa**

Não há como negar que a comunicação mediada por computador está presente no cotidiano de um número cada vez maior de pessoas. E essa nova realidade suscita discussões de várias ordens, seja acerca do uso da linguagem em meios eletrônicos, seja sobre os processos cognitivos que essa nova modalidade lingüística opera. Uma das discussões mais recentes “na internet” surgiu a partir da idéia de que o Google está-nos deixando burros. Nesse contexto, será que a tecnologia e, mais especificamente, o uso do computador, assim como qualquer produto social, são por si sós positivos ou negativos? Não é exatamente a essa questão que a obra *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*, organizada por Júlio César Araújo, e publicada em 2007 pela Lucerna, responde. Contudo, é a essa realidade que a coletânea se refere, ao apresentar pesquisas de vários educadores que se debruçam sobre esse tema. Todos os autores, em seus artigos, mostram aspectos da comunicação mediada pelo computador, decisivos para compreender não só como ocorre essa interação social, mas também como essas práticas de linguagem podem ser estudadas e transformadas em estratégias de ensino-aprendizagem de línguas e linguagens.

Dividido em duas partes, o livro concentra-se nos seguintes eixos temáticos: a análise de gêneros digitais e suas implicações para o ensino, na primeira, e as alternativas e dilemas para o professor diante da internet, na segunda.

A parte I da obra compreende dez artigos, subdivididos em dois blocos. Os cinco primeiros têm como objetivo a análise de gêneros digitais em seus aspectos formais, estilísticos e temáticos, remetendo-nos à concepção bakhtiniana de gêneros do discurso. No primeiro, Júlio César Araújo e Nonato Costa investigam a forma composicional do gênero *chat* aberto. Roberta Varginha Ramos Caiado, autora do segundo artigo, investiga a repercussão da escrita digital em textos escritos no contexto escolar, tomando a ortografia como parâmetro para a discussão. Em seguida, Viviane Pereira Lima Verde Leal discute o papel do professor-tutor em *chats* educacionais. No quarto artigo, a funcionalidade dos *emoticons* no *chat* em aulas de língua estrangeira e questões de representação de emoção e afetividade são investigadas por Maria do Carmo Martins Fontes. Seguindo o modelo de análise de gêneros digitais em seus diferentes aspectos, Júlio César Araújo e Bernadete Biasi-Rodrigues, autores do quinto, centram-se agora na categoria estilo. Apreende-se aqui a conclusão desse primeiro conjunto de textos.

No segundo bloco da primeira parte, as discussões voltam-se para aspectos discursivos em gêneros digitais e para a descrição de algumas práticas didáticas em ambientes virtuais de ensino-aprendizagem. Em relação aos aspectos discursivos, por exemplo, no sexto artigo, Áurea Zavam utiliza as categorias “cena de enunciação” e “*ethos* discursivo” para investigar os *e-zines*. Ainda nesse texto, apresenta-se uma reflexão interessante sobre os conceitos “suporte” e “gênero”, tendo como base pontos de vista diferentes de um universo que até então parecia homogêneo. No nono artigo, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva e Adail Sebastião Rodrigues-Júnior estudam, em fóruns educacionais, uma categoria proveniente da pragmática lingüística, a saber: o *footing* do moderador nesse gênero eletrônico. As práticas didáticas tratadas nos demais artigos dessa parte da obra são as seguintes: no sétimo, Benedito Gomes Bezerra “[...] discute a *homepage* como um exemplo de gênero introdutório mediado pela rede *www*, estabelecendo uma relação entre construtos genéricos que vão desde o exórdio, da retórica clássica, até a primeira página

de jornal” (p. 113). No oitavo, a descrição de um curso de *WebEnglish*, cuja finalidade era a construção de uma página pessoal, atividade que, de acordo com as autoras, possibilita o ensino da linguagem como prática social. No décimo, o criativo “Tia, eu já escrevi o *site* do ‘Rotimeio’. Agora é só apertar o enter?” – que trata do endereço eletrônico em sala de aula – é resultado de uma pesquisa-ação elaborada com base em uma situação identificada na prática didática com alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Verifica-se, nesse estudo, que a função social do gênero digital endereço eletrônico, que é proporcionar acesso a *sites* ou usar *e-mails*, serve de objeto para reflexões sobre práticas de leitura e escrita significativas.

A parte II é composta de seis artigos que versam sobre as alternativas e dilemas dos professores diante da rede. No relato de uma atividade desenvolvida com estudantes universitários em duas disciplinas eletivas da graduação – Letramento digital e Prática de Letramento digital –, Denise Bértoli Braga discute, a partir do pressuposto de que “[...] a tecnologia, assim como qualquer produto social, não é por si só positiva ou negativa” (p. 189), a possibilidade do desenvolvimento de uma consciência social crítica por meio do ensino de práticas letradas digitais.

Para Socorro Claudia Tavares de Sousa, autora do segundo artigo, novas formas de interação social criam uma demanda por novas estratégias lingüístico-discursivas, e a escola deve incorporar novos paradigmas educacionais e

[...] levar os alunos a produzirem e analisarem eventos comunicativos diversos, orais e escritos, identificando algumas de suas características temáticas, estruturais ou estilísticas e relacionando-as às esferas sociais, à audiência, às condições de produção, dentre outras relações que podem ser estabelecidas a fim de que os discentes possam vivenciar uma pluralidade de discursos [...] (p. 201-202),

numa relação muito coerente com o que foi apresentado na parte I da obra.

No terceiro, Ricardo Augusto de Souza apresenta e discute a migração (transposição) da proposta de aprendizagem para o meio eletrônico.

No também muito criativo “Kd o prof? Tb foi navegar”, a própria autora, Ana Elisa Ribeiro, desenha uma mapa de seu texto:

[...] falarei um pouco sobre leitura, tecerei considerações sobre hipertextos, leitores e leitura, explicarei a diferença entre a Internet e a World Wide web (WWW), em seguida, abordarei levemente as interfaces gráficas, voltarei um pouco na história de algumas tecnologias que conhecemos de longa data, mencionarei os gêneros textuais que apenas lemos e aqueles que também escrevemos e, por último, mostrarei o que os aprendizes mais jovens têm a ver com isso tudo [...] (p. 222).

Isso torna desnecessária a descrição pormenorizada da prática que propõe. Interessantes, nesse artigo, são as considerações sobre textos, leituras e tecnologias.

Em *Leitura na internet: mudanças no perfil do leitor e desafios escolares*, Ílta Lerche Vieira caracteriza o leitor virtual por meio de quatro perguntas: “Quem é o leitor virtual?, Como o leitor lê na tela do computador?, O que o leitor prefere / costuma ler na internet? e Como a escola vem atuando no desenvolvimento da leitura em suporte eletrônico?” (p. 244), e chega à conclusão de que

[...] há mudanças em curso nos modos de ler, embora o leitor virtual esteja numa transição ente o modo escrita e o modo imagem [...], novos gêneros e práticas vêm sendo incorporados [...] e que [...] a atuação da escola ainda é tímida, focalizando

apenas digitação / elaboração de trabalhos e atividades de pesquisa entendidas apenas como busca de informação na Internet [...] (p. 264).

Por último, no décimo-sexto artigo da coletânea, Else Martins dos Santos apresenta estratégias de como evitar que professores reforcem uma prática que se disseminou rapidamente entre alunos e estudantes e transformou as atividades escolares em um cópia/recorta/cola ininterrupto, por meio de procedimentos simples e de uma mudança de atitude dos professores que, adotando o papel de orientadores, passariam a acompanhar o desenvolvimento da pesquisa.

Roxane Rojo, na orelha do livro, afirma que “[...] nesse sentido, estudar as práticas de linguagem e os letramentos em ambientes digital é crucial para o ensino de línguas e linguagens na contemporaneidade e terá impacto de médio prazo nas práticas didáticas.” Xavier, no prefácio, ainda alerta o leitor para não esperar dos artigos receitas ou fórmulas prontas. De acordo com o professor da UFPE, trata-se de reflexões, pistas e sugestões elaboradas com base em pesquisas e experiências dos autores com seus alunos em sala de aula.

É nesse cenário carente de propostas efetivas fundamentadas na Lingüística, aplicadas ao ensino de línguas e linguagens, que se oferece este livro. O que perpassa todos os textos é o “virtual”. Há uma importante diversidade de referenciais teóricos e de procedimentos metodológicos para quem pretende desenvolver pesquisas sobre internet e ensino. O maior número de pesquisas é resultado de estudos etnográficos da internet. Há outros vinculados aos objetivos e às áreas de atuação dos pesquisadores, como leitura e produção escrita, análise de gêneros e ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira. As referências bibliográficas são ricas para quem pretende estudar as práticas de linguagem e os letramentos em ambiente digital.

Cabe, contudo, uma ressalva. Em outras publicações na área, fala-se muito em postura ética. Não há por que esperar mais para transformar as re-

lações de poder estabelecidas na e pela linguagem em parâmetro de avaliação de pesquisa ou como dimensão do processo de ensino-aprendizagem. Será que *sites* como o da Turma da Mônica, o da Barbie etc. têm como principal objetivo a formação de uma “criança-cidadã”? Por que nenhum dos artigos versa sobre ideologia e poder? A resposta poderia ser: em razão da coerência teórico-metodológica, uma vez que os artigos não se aproximam de uma abordagem crítica, “[...] cujo princípio norteador implica não só descrever e interpretar, mas sobretudo mostrar como o discurso é moldado pelas relações de poder e ideologia” (GARCIA DA SILVA et al., 2002, p. 15). Pesquisas sobre aspectos relacionados à ideologia do consumo, da violência etc. poderiam ter sido incluídas na coletânea, visto que elas já são uma tradição no país, principalmente quando levamos em consideração todo um histórico acerca da análise daquilo que representa os primórdios da educação a distância: o livro didático.

## Referência

GARCIA DA SILVA, Denize Elena; VIEIRA, Josênia Antunes (Org.). *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília, DF: UnB. Oficina Editorial do Instituto de Letras; Editora Plano, 2002.